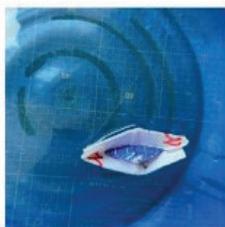
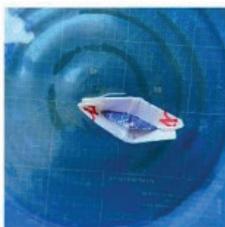
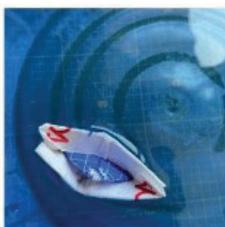


COM QUANTOS VERBOS SE FAZ UMA PESQUISA?

Simone Zanon Moschen
Cláudia Bechara Fröhlich
Luciano Bedin da Costa

[organizadores]



ABRAPSO EDITORA

COM QUANTOS VERBOS SE FAZ UMA PESQUISA?

Simone Zanon Moschen
Cláudia Bechara Fröhlich
Luciano Bedin da Costa
(organizadoras)



ABRAPSO EDITORA

Oficinar...

Como se conjuga este verbo?

Elaine Milmann

Fernando Marcial Ricci Araujo

Claudia Bechara Fröhlich

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros

No descomeço era o verbo, diz o poeta Manoel de Barros. No começo foi o ato, diz Freud referindo-se ao parricídio em *Totem e tabu* (1990) – ato que funda a civilização. No princípio era o significante que marcou a carne, que se fez corpo, diz Jacques Lacan... E, com eles, descobrimos que o inconsciente pode ser estruturado como uma linguagem, e esta, por estar difusa nas grandezas ínfimas do mundo, pode tornar-se poesia ao ser extraída do chão do cotidiano, dos elementos da natureza. Pela escrita de Manoel de Barros, podemos tocar

a “infância da língua”, espaço-tempo íntimo do inconsciente em que “as palavras eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição” (Barros, 2010, p. 425); tempo de indeterminação da linguagem, em que as palavras, livres das normas gramaticais, em um jogo de posições, abrem-se a seus múltiplos sentidos, denunciando que os nomes das coisas não são as coisas (Frohlich, Milmann, & Kierniew, 2021) e que é possível armar condições de possibilidade para um jogo da língua em que se inauguram nascimentos ao se fazer novos arranjos gramaticais.

Inspiradas pelo jogo significativo da poesia de Manoel de Barros e da psicanálise freudolacaniana, propomos a conjugação do verbo OFICINAR, ou melhor, a invenção desse verbo em um modo de conjugá-lo aliado às ideias de pesquisar e de transmitir no contexto da universidade pública, particularmente no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC). Oficinar é um neologismo e sua conjugação assume que a pesquisa, para nós, implica algo de novo, de inventivo, ‘comporta o desejo de compor juntos um comum’, através da passagem pela experiência, e de tal modo é conjugado na primeira pessoa do plural, NÓS, que, ao parafrasearmos Bruno Latour (2016), podemos dizer: *oficinamus, ergo sumus!* Pensamos, logo embarcamos juntos em um mundo a compor.

Ao propormos o verbo OFICINAR estamos implicadas em sua conjugação e assumimos a responsabilidade por sua transmissão. Advertidas por Daniel Pennac (1993), conhecemos que alguns verbos não suportam o imperativo, são ver-

bos tão demasiado humanos que se conjugam apenas por um CONVITE, e não pelo imperativo que diz ao outro “faça!”. É assim também com os verbos ler, amar, sonhar, conforme Pennac, e nós complementamos com o verbo officinar.

O tempo para ler é sempre um tempo roubado. (Como aliás para escrever, ou para amar). Roubado a quê? Digamos que ao dever de viver ... *Tanto o tempo para ler como o tempo para amar dilatam o tempo de viver.* ... A leitura não resulta da organização do tempo social, ela é como o amor, uma maneira de ser. (Pennac citado por Santos & Gonçalves, 2006, p. 4, grifo nosso)

Dilatando o tempo do viver e inventando, a cada vez, novas formas de fazer o verbo pegar delírio, temos afinado no decorrer de dez anos de travessia do NUPPEC. Esse trabalho com oficinas foi tomando forma e apontando para as condições da invenção de instrumentos para pesquisar e para viver, criando um espaço de construção de saber privilegiado, que não se antecipa, mas que produz pela possibilidade da presença compartilhada, da construção de uma coletividade de diferentes.

1. *Officinamus*: delírios do verbo officinar

Um “esticador de horizontes” e um “tritador de certezas” foram instrumentos construídos em algumas oficinas do NUPPEC e, com eles, temos operado em defesa de uma ampliação não só da noção de oficina, mas também dos conceitos de educação, cultura e clínica, ou, pelo menos, buscamos interrogá-los.

A modalidade de trabalho em oficinas terapêuticas no campo da saúde se destacou como um recurso, após a Reforma Psiquiátrica Brasileira no fim da década de 1980, trazendo

uma nova concepção sobre a saúde mental e redimensionando o conceito de clínica. Nesse contexto, houve um deslocamento da concepção do “terapêutico”, que inicialmente estava associado à cura da loucura, passando pelo conceito de promoção de saúde, até chegar à noção de ampliação das possibilidades de trocas na vida pública, “associando o caráter político ao clínico com a psiquiatria democrática” (Silva, 2021, p. 13).

No NUPPEC, as oficinas não miram o curativo e, por isso, o “terapêutico” não cabe como adjetivo, embora os efeitos de subjetivação acionados nas oficinas possam ocorrer a qualquer momento para os participantes, tanto para os oficinairos quanto para os oficinantes. Andrea Guerra (2004) aponta o trabalho em oficinas no Brasil a partir de duas perspectivas de trabalho: por um lado, enquanto prosseguimento de um modelo clássico, na medida em que são utilizadas como recurso pedagógico ou como ocupação do tempo ocioso nas instituições; e por outro lado, a direção de tomar as oficinas como uma proposta que possibilita o sujeito recriar relações com o social, ampliar sua linguagem e exercitar sua cidadania. E mesmo que ao olhar desatento pareça que as oficinas no NUPPEC sejam apenas um passatempo, elas se alicerçam numa intensa preparação prévia, embasadas teoricamente, e objetivam uma transmissão, querem acionar a construção de pensamento, que será singular para cada um; mas do mesmo modo que o “terapêutico”, o adjetivo “pedagógico” clássico não lhe cabe. Não se trata de oficinas em que todos irão chegar à mesma aprendizagem em sua conclusão, tampouco de ensinar os conceitos psicanalíticos que orientariam uma educação, mas da

importância da transmissão do saber psicanalítico, nesse contexto, na medida em que nele está em jogo um saber que é descontínuo, inconsciente e capaz de orientar princípios éticos. Desse modo enlaçadas, as oficinas se encontram em *entrelugares*; numa pulsação *entre* o singular e o coletivo e nas fronteiras *entre* as concepções clássicas de clínico, educacional e cultural.

Com o tempo, as oficinas foram sendo incorporadas em nossas formações no NUPPEC, com a proposição de serem incluídas nos encontros de pesquisa e extensão como espaços formativos; um modo de receber os recém-chegados ao grupo, dando o tom para o ritmo de nosso fazer junto. Grupo que abriga uma diversidade de estudantes advindos dos mais diferentes cursos de graduação e pós-graduação da UFRGS; “flora e fauna reunidas”, como disse alguém certa vez, e que, ao chegar, é convidado a dar algo de si, deixar sua carta na mesa... Mesa que passa abrigar um baralho em que cada qual pode pegar a carta do outro.

Figura 1 – Oficina de cartas na Jornada do NUPPEC (2017)





Fonte: arquivo NUPPEC.

No dizer de Rafael Fernandes (2019), o capitalismo produziu uma cisão entre cultura e natureza e traduziu bens culturais por objetos (tesouros) e riquezas acumulados de um povo, muitos alocados em museus de forma bancária, ou, ainda, a cultura ficou associada a modo de vida complexo (charme) e distante de uma “vida natural” (real ou suposta) que fosse capaz de nos igualar a todos. Pensar em coletivo, comunidade e cultura remete à ‘Semana de Arte Moderna’, que completa cem anos em 2022. Nos manifestos produzidos por Oswald de Andrade há uma ruptura da dicotomia entre cultura e natureza: cultura é natureza e natureza é cultura. Há, na verdade, em nossa cultura, qualquer tendência à diferença, manifestada na poesia, “um entendimento da cultura como uma incomunidade, ou como uma coletividade heterogênea, que partilha e disputa diferentes modos de vida, fazeres, saberes e modulações simbólicas” (Fernandes, 2019). Nesse sentido, o autor refere a floresta como utopia/artifício, como lugar em que fauna e flora não designam somente dados ontológicos, mas

espaçotemporais, livrando-se da classificação ontológica, já que agrupa seres orgânicos e inorgânicos. Desse modo, haveria uma “vocação para o conceito de cultura” como um modo de fundar a “cultura como aquilo que se cultiva entre os que convivem”. A floresta como um coletivo dos diferentes, uma vez que não se coloca como uma força ontológica que constrange os conviventes, mas como meio ambiente em que eles podem habitar. Nessa esteira, pensamos que as oficinas no NUPPEC desejam essa “vocação para a floresta”, e não propriamente uma “educação para a floresta”; vocação como um empuxo, algo que “pende para” armar espaços de conviver e colaborar entre os (in)comuns e suportar o deserto da civilização.

Com Fernandes (2019), podemos dizer que oficiar, construir um coletivo de (in)comuns, remete a uma vocação pedagógica da cultura brasileira, pressentida desde o Manifesto da poesia pau-brasil” (Andrade, 2017) e observada atualmente pelo adensamento de proliferação de oficinas de poesia e pelo uso da linguagem poética. Na convivência, no estar junto passando por uma experiência, ocorre um empréstimo diuturno de instrumentos. Porém, a questão não está no instrumento, mas na artesanaria implicada no processo de sua confecção, no tempo roubado da vida – no dizer de Pennac –, levando os participantes a colocarem a mão no pensamento. Assim, a oficina coloca em destaque um fazer compartilhado, desfazendo a hierarquia entre o conhecimento técnico e o fazer, abrindo a possibilidade de um espaço para a emergência do sujeito do desejo. Simone Rickes e Paulo Gleich (2009) já destacaram

que na oficina há um engajamento com o desejo, pilar da ética da psicanálise, implicando uma operação transferencial, que envolve tanto o oficineiro quanto o oficinante, trazendo sempre algo novo. Algo de inventivo que se processa nesse jogo de relações em que há ao mesmo tempo uma invenção do mundo e de si mesmo. Essas invenções compartilhadas trazem o jogo da alteridade, no qual se constitui o comum.

O verbo *oficinar* anda de mãos dadas com outros, como jogar, brincar e aprender. Esse verbo, que não aceita imperativo, implica o compartilhar criativo, a invenção de um espaço potencial entre o eu e o outro, possibilitando as trocas e o passar pela experiência em um jogo no qual as regras não são estáticas, mas se produzem a partir do encontro com o Outro, levando em conta os produtos e os processos que se esperam e os que se produzem inesperadamente. No *só-depois* da oficina, e ainda colaborando nesse espaço de convivência, puxam-se novamente os fios teóricos que dão contorno ao vivido, possibilitando que os conceitos também passem pelo corpo.

De acordo com Eduarda Xavier (2021), ressaltamos alguns elementos que servem como pistas para intervenções em oficina: o desejo de *oficinar*, a importância dos objetivos, o lugar do produto realizado, a possibilidade de invenção, o caráter de processualidade do trabalho e a relação entre os oficinantes e oficineiros. Numa oficina, o participante pode localizar, a partir da materialidade, um suporte para elaborações psíquicas, como um tabuleiro de jogo (baralho de cartas, sucatas, toalha de bordado inventado etc.), assim como criar

superfícies de inscrições. Dessa forma, caberia ao oficineiro acompanhar e acolher as confecções do fazer do oficineiro, que sabe o que está em jogo quando tece sua produção; saber inconsciente que vai se tecendo de acordo com o com-viver no andar da oficina, tendo o outro como bússola de seu fazer.

Há tempos, *oficinamus!* E escolhemos duas de nossas experiências para compartilhar: a *Oficina de Desobjetos* e o *Curso Oficina Poética do Letramento*. Elas talvez sejam as experiências inaugurais de nosso fazer em oficinas no NUPPEC e decantam alguns elementos que nos ajudam a conjugar o verbo oficiar.

2. Delírio do verbo I: *Oficina de Desobjetos*

Ciente de uma economia de discursos, Manoel de Barros escolheu colocar em circulação um “bem” escasso e oposto à poesia hegemônica e dominante: sua poesia é produzida com a semântica do precário e das miudezas e, assim, sua escrita torna-se um valioso item de consumo para os leitores avessos à poesia dos grandes temas e dos versos nobres (Carrascoza, 2018). Se o consumo é um código de valores que gera pertencimento entre as pessoas, a poesia de Manoel de Barros talvez produza um consumo da linguagem, no dizer de Selma Maria (2016), produz como efeito o desejo de apertar a vista até extrair o sumo das palavras, e, diríamos, o co-sumo, vontade de olhar o mundo por convivência; co-junto, e não por conveniência. Encantada com a matéria-prima de sua poesia, lesmas, latas enferrujadas, pedrinhas, e outras miudezas do Pantanal, Selma Maria, uma pesquisadora de brinquedos, queria fazer uma exposição sobre

os objetos da infância de Manoel de Barros. Trocaram cartas, até o encontro presencial, momento em que Manoel lhe disse que não permitiria, que Selma buscasse a sua própria infância e construísse os seus objetos. Buscamos, assim, inspiração em Manoel de Barros – que agora nos parece um poeta com grande empuxo à floresta e ao compartilhamento de (in)comuns – para a construção dos nossos objetos e as materialidades disparadoras na oficina que intitulamos *Oficina de Desobjetos*. A oficina, inventada no ano 2012 – contemporânea ao nascimento do NUPPEC – e realizada no contexto de um curso de extensão voltado para docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE), foi tecida a muitas mãos – as assinaturas desses espaços nunca são individuais – e reeditada em contextos semelhantes nos anos subsequentes.

Como uma espécie de “Oficina de Desregular a Natureza” (Barros, 2011), e tentando manter um “olhar descomparrado” para o mundo, a *Oficina de Desobjetos* almejou acionar: (a) uma desaceleração temporal (roubar tempo da vida); (b) uma interrogação sobre o estatuto da ludicidade (jogo da linguagem); (c) uma reflexão sobre a operacionalidade do inútil (no contrafluxo das formações massificadas em educação). Consistia em assistir ao filme *Só dez por cento é mentira* (Cezar, 2010), a desbiografia de Manoel, e parar no trecho onde aparece a oficina de Paulo, um sujeito que, também tocado pelo poeta, construiu, numa oficina, os objetos inventados em seus poemas. Convidávamos, nesse momento, à confecção desses mesmos objetos, ou melhor, desobjetos, com sucata. Nossa

aposta era de que, ao se estabelecer um território onde os restos (sucatas) pudessem ser potência para uma criação, o mercado dos objetos pode perder parte de sua necessidade, revelando a potência subversiva do brincar, zona onde se aprende a importância de realizar o inútil.

Nesse *fazer* em oficina, a ênfase estava centrada no processo, no tempo dispendido/distendido, no modo como as palavras doadas pelos demais participantes iam colaborando para esculpir objetos impensáveis: um *abridor de amanhecer*; um *alicate cremoso*; um *esticador de horizontes*; uma *fivela de prender silêncios*... Nesse movimento, a experiência com as mãos ia conduzindo o pensamento, não por uma linearidade, mas acionava uma desarticulação da própria linguagem; desatava um modo para reatar outra gramática de pensar. A aposta era de que a discursividade que acompanhava a armação/elaboração dos *desobobjetos* pudessem imantar um espaço de criação para alternativas antes não pensadas aos impasses vividos na escola.

A oficina se estabeleceu como um espaço lúdico: um jogo de construção e desconstrução. E, para isso, não era necessário nenhuma inovação tecnológica, mas um punhado de sucata, os fios da memória e a possibilidade de circulação da palavra, como tempero de escritura; eis a tecnologia. A oficina colocava em marcha um trabalho de construção de um *desutensílio*, um objeto cuja destinação final fosse absolutamente inútil e cuja exposição alimentava apenas os olhos dos próprios participantes; seu co-sumo de olhar. Importava-nos acionar um

fazer em que a tramitação do tempo passasse mais lentamente, dando lugar à circulação da palavra no processo; ensinávamos estabelecer um modo de funcionar que fosse na contramão do instrumentalismo comum em cursos massificados.

Figura 2 – Oficina e exposição dos *desobjetos* no Curso do AEE (entre 2012 e 2014)



Fonte: arquivo NUPPEC.

Há na confecção de um *desobjeto* um convite indireto para tecer o saber/sabor (Barthes, 2007), em um investimento na construção do *homo ludens*, esse que se diverte, que se surpreende, que brinca e joga com a palavra em diversas materialidades, no avesso do *homo economicus* (Ordine, 2016) e em com-

panhia. Uma experiência que permite ao docente reencontrar a criança investigadora que já foi um dia. Assim como as crianças aprendem sobre a necessidade do inútil brincando, percebemos, nesse tempo de oficinas, o modo como os professores do curso, sustentados pelo passaporte que os fios da literatura e os fios da infância lhes franqueiam, entraram no universo lúdico, onde o jogo com as palavras pode fazer emergir um sentido não antevisto, uma solução não pensada para o enigma que sua prática lhes situa; uma forma menos instrumental, menos classificatória e menos imaginária de se debruçar sobre o cotidiano da escola. Com ela, demos seguimento à empreitada de Freud em solicitar que a comunidade científica apoie um modo de fazer que, na verdade, enseja repor a poesia no âmago da racionalidade científica. Ou ainda, ensejamos restituir a importância do inútil no mundo assoberbado de utilidades voláteis.

3. Delírio do verbo II: *Cursoficina Poética do Letramento*: jogos de linguagem

A extensão universitária *Cursoficina Poética do Letramento* foi proposta por pesquisadores do NUPPEC e oferecida para a comunidade em geral, privilegiando profissionais envolvidos com a Educação Inclusiva. Implicadas na proposta de educação inclusiva e mobilizadas pela recorrência do fracasso na alfabetização no Brasil, buscávamos acionar um *fazer* que fosse um convite à desconstrução da noção de alfabetização, trazendo à cena o neologismo letramento. Visávamos atender à demanda de propostas de formação profissional, porém su-

perando obstáculos epistemológicos advindos da tradição pedagógica que considera a escrita como secundária à fala. O oficiar no *Cursoficina Poética do Letramento* colocou em marcha uma compreensão mais ampla da complexidade do sistema de escrita nas práticas de alfabetização e de letramento, tensionando as bordas traçadas entre o ensino regular e o ensino especial no contexto da educação inclusiva.

A proposta se desenrolou em dez encontros no ano de 2015, em uma dinâmica de trabalho quinzenal, revezando a cada semana entre o encontro com as oficinantes e reuniões de planejamento dasicineiras, que reavaliavam cada ação, partindo da escuta das participantes do encontro anterior. Nessas reuniões, nos debruçávamos sobre os pontos de pergunta e de resistência epistemológica observados no decorrer das oficinas. Assim, os planos giravam, a cada encontro, em um processo de planejamento *in progress*. Se nosso objetivo era produzir ‘experiências que tangenciassem a teoria’, questionando concepções e práticas alfabetizadoras tradicionais, dando relevância às diferentes propriedades de estrutura e de funcionamento da linguagem escrita e aos seus jogos de substituição e deslocamento, no lugar da ênfase dada à decodificação, a poesia foi um terreno privilegiado para destacar ‘jogos de linguagem’ com os traços, com as letras e com os sentidos dados no espaçamento, produzindo um encontro lúdico com a escrita. A poesia concreta operou como porta-estandarte, inspirando jogos de linguagem que dessem visibilidade a elementos ofuscados pelas práticas decodificadoras na escola tradicional

e possibilitando o acesso aos jogos polissêmicos da linguagem.

Um dos jogos produzidos na oficina foi com o nome próprio. Segundo a psicanálise, o nome produz uma primeira identificação (Lacan, 2003), operando como traço unário e possibilitando o reconhecimento do sujeito como alguém que se conta – fundamento para aquisição do sistema de escrita e de números. Para abordar esse conceito, produzimos uma oficina com os nomes próprios. Nesse encontro de oficina, começamos com o nosso planejamento e pedimos às participantes que escrevessem seu nome e depois recortassem as letras, formando o maior número de palavras possível com elas, em um jogo anagramático a partir de seu nome próprio. Desdobrando esse primeiro tempo, asicineiras misturavam todas as letras, colocando-as viradas de cabeça para baixo e então jogavam um dado e retiravam o número de letras, formando diferentes palavras conforme mudavam a posição das letras no espaçamento. Há um momento de descoberta, com as letras de seu nome, a partir de jogos de deslocamento e substituição, formando novas palavras.

Assim como uma criança que brinca com o jogo de letras¹ e compõe palavras novas por experimentação, o convite

1 Em seu livro “*Infância Berlinense*”, Walter Benjamin (1993) menciona a saudade que sentia do “jogo de letras” no qual as crianças formavam, ao modo de brincadeiras, palavras sobre uma tábua de madeira a partir de letras em forma de plaquetinhas. Na lembrança de Benjamin - ele próprio frequentador do “jogo de letras” quando criança – a aventura de montar palavras pela primeira vez conserva a força de um gesto infantil por excelência, isto é, um momento imaginativo. Na leitura do filósofo, o que está fundamentalmente em jogo neste gesto está mas próximo da estupefação da criança diante da palavra recém-formada do que a realização de uma operação intelectual.

para brincar com os nomes próprios parece colocar em cena algo daquilo que o psicanalista Christian Dunker (2015, p. 287) chama de “experiência produtiva de indeterminação”. Em suas elaborações críticas em face da disseminação da nosografia psiquiátrica como regra geral para a nomeação dos diferentes modos de sofrimento, o psicanalista chama atenção para a potência clínica das experiências de indeterminação, isto é, experiências subjetivas que carregam uma potência de “dis-ser” (Lacan, 1967/2001). Nesse neologismo lacaniano, o que está em jogo é uma experiência de dissolução do eu, ou seja, experiências de deslocamentos subjetivos capazes de inserir nuances em significantes cronificados ou portadores de um excesso de sentido.

Sabemos que o nome próprio é um dos elementos que franqueiam a entrada na fala e na linguagem. Ao situar a vida de um ser humano no seio de uma história familiar que o antecede, o nome próprio opera a transmissão de uma herança com a qual todos teremos que lidar. Isso produz, inevitavelmente, e ao longo de toda a vida, situações de potência e impotência; recursos, mas também impasses. Diante disso, brincar com o nome próprio não deixa de ser uma forma de fazer trabalhar a herança que se recebe, isto é, modificá-la, deslocá-la. Experimentar, enfim, uma dança de posições em relação à origem.

É nesse sentido que o gesto da oficina também se deixa ler em sua potência política. De certa forma, o convite à nuance do nome próprio, *com o outro*, em um espaço de oficina, transmite uma experiência de “perda de centro” (Zambrano, 2001). Isto

é, um exercício de suspensão das certezas sobre si que pode gerar uma inclinação ao outro naquilo que isso carrega de política do comum. Nas palavras de Jean-Luc Nancy (2007, p. 31), “não é o próprio, mas o impróprio – ou mais drasticamente o outro – o que caracteriza o comum”. Nuançar o nome próprio não deixa de ser uma forma de cultivar uma impropriedade a respeito de si, um *mínus*, ou seja, aquilo que não temos e que nos liga ao outro, nossa negatividade fundamental, o avesso de uma posse: “o *mínus* designa apenas o dom que a gente dá, não aquele que a gente recebe. Ele é totalmente orientado no ato transitivo que consiste o dar. Ele não implica em nenhum sentido a estabilidade de uma posse, mas sim a perda, uma cessão, uma subtração” (ESPOSITO, 2000, p. 18).

Nessa oficina estive em jogo, portanto, um exercício de perda de centro, em outras palavras, uma suspensão da posse. Tratou-se de levar a palavra ao delírio, exceder o significante já conhecido para abrir-se ao impróprio, ao imprevisto, ao impremeditado. Como, aliás, ocorre na sequência da oficina, quando uma das participantes, ao sair do encontro, foi comprar um dado para levar esse “jogo do nome próprio” para seus alunos em sala de aula. Na loja, perguntou à vendedora: “Tu tens dado?”. E relata que ela e a vendedora se olharam e caíram na gargalhada. O inusitado do novo sentido compartilhado produziu o equívoco inerente à linguagem, também a graça da história. A oficina do traço unário foi *planejada*, mas seu desdobramento levou *para além do planejado*; e realizamos o trabalho teórico com os chistes (Freud, 1974) num outro en-

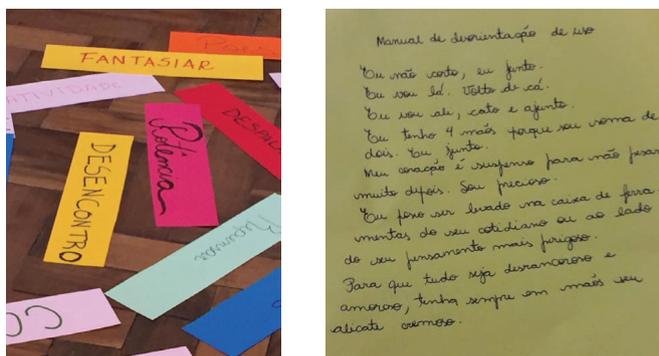
contro, no qual vimos como a psicanálise aborda os efeitos de sentido inerentes à linguagem, contribuindo para a trama de relações teóricas que nos interessavam nessa formação.

Entre os fios teóricos e a vivência em jogos de linguagem, avaliamos que os efeitos formativos dessas oficinas foram: resignificação da forma de transmissão e de planejamentos *in progress*; ampliação da noção de letramento e enfrentamento de obstáculos epistemológicos; a poesia como elemento formador do sujeito letrado; e, enfim, a demanda de formação continuada no contexto da educação inclusiva. Para o enfrentamento dos obstáculos epistemológicos e para o redimensionamento da noção de letramento, mapeamos as dificuldades conceituais das participantes, abrindo-lhes espaço para questionamentos referentes às práticas e aos conceitos, dando sustentação ao *não saber*, como operatório para as aprendizagens e para as mudanças de paradigmas.

O *tempo de escuta* oferecido proporcionou planejar *in progress*, retomando temas abordados de diferentes formas e contextualizados às situações do cotidiano das participantes. O *acolhimento* e o *prazer* proporcionados na nossa travessia foram fundamentais para o andamento do cursooficina. As oficinas de construção e de jogos, com vivências similares àquelas que propomos como fundamentais para as crianças em seu processo de alfabetização e de letramento, privilegiaram a articulação da teoria às experiências vividas. Algumas regras foram combinadas *a priori*, mas no decorrer dos jogos, com abertura ao inesperado, à surpresa e ao novo, era possível *negociar novas regras*, que fica-

vam valendo até a próxima combinação coletiva. Nessa escuta atenta-distraída, numa espécie de atenção flutuante freudiana, percebemos a costura da psicanálise com a educação acontecendo de *modo artesanal*, sustentado pelos jogos inventados a partir da poesia concreta, movidos, muitas vezes, pela infância da língua de Manoel de Barros. Durante esse percurso, a oficina de *desobjetos*, há certo um tempo adormecida, fez-se novamente, embora tenha acontecido com a marca do novo grupo de participantes, contribuindo para o tabuleiro do jogo de linguagem daquele momento. Também, com inspiração de ‘Remix século XX’, de Adriana Calcanhotto (2000), foram construídas palavras-*souvenirs*, escrevemos poemas em dupla, realizamos caça ao tesouro, entre outras propostas realizadas.

Figura 3 – Tabuleiro de jogos no *Cursooficina Poética do Letramento* (edições em 2015 e 2017)



Fonte: arquivo NUPPEC.

As oficinas se alternavam com exposições teóricas, filmes e leituras. Essa ‘trama entre teoria e experiência, regramento e invenção’ promoveu o enfrentamento de alguns obstáculos epistemológicos subjacentes às propostas pedagógicas logofonocentradas. Jogar com os traços, as letras e as palavras no espaço propiciou questionar a crença na transparência da linguagem, a substancialização da relação sujeito-objeto e a fonetização da escrita. Foi brincando com a linguagem, ao mesmo tempo que teorizando sobre ela, que percebemos a mudança de paradigma e a ampliação do conhecimento sobre a complexidade da escrita, articulada aos estudos sobre o corpo e a linguagem que se entrelaçaram. Foi possível para as oficinas perceber que a construção da escrita acontece através do processo presença-ausência e de experiências nas quais as letras usufruem dos jogos de sentido por meio dos movimentos de deslocamento e substituição. Isso lhes possibilitou repensar que a prática docente em torno do letramento vai muito além de conhecer, interpretar e decifrar o código da escrita.

Os diferentes tempos de construção da trama teoria-experiência pelas oficinas foram considerados, com o objetivo de tornar visível as relações entre a subjetividade e a inscrição do sujeito na escrita. Foi realizado um entrelaçamento entre as áreas da filosofia e da psicanálise, trazendo para a educação a dimensão do inusitado, do singular, daquilo que não é aparente, mas está presente. O não dito, assim como a dimensão do inconsciente, ganhou seu espaço, e o

trabalho com o termo “letramento” abriu a discussão sobre a importância da dimensão social e cultural na aquisição da escrita. Isso possibilitou às oficinas um deslocamento do pensamento logofonocêntrico tradicional. Os efeitos produzidos, ao associarmos a teoria às experiências com o saber-fazer-com-a-linguagem vivenciadas em oficinas de escrita, através da literatura e da poesia moderna, repercutiram nas participantes, em suas concepções, suas práticas e em sua posição diante do letramento.

Com as oficinas, houve uma abertura a novas formas de perceber o outro/o mundo/as coisas/o objeto. Décio Pignatari (1978) escreve que palavra poeta vem do grego *poietes*, “aquele que faz”. E faz o quê? Faz linguagem. O signo verbal trabalhado nas oficinas, como faz a poesia concreta, trouxe a visibilidade dos elementos verbovocovisuais que dão a ver os modos do funcionamento do traço, das letras e da escrita em jogo nos processos de aquisição da escrita. Assim, foram vivenciadas cenas nas quais a estrutura de funcionamento da linguagem escrita, expressa pelas suas propriedades (polissemia, deslizamento, mudança de estatuto das unidades conforme o estatuto da diferença que se estabelece entre elas), pôde ser experimentada e aprendida. A modalidade de cursóficina, na qual se enlaçou a experiência poética com as teorias da psicanálise freudolacaniana e da filosofia derridiana, impulsionou as participantes, oficinas e oficinas, abrindo novos caminhos, olhares e propostas de intervenção.

4. Delírio do verbo III: das cartas na mesa às cartas na rua

Os dispositivos no NUPPEC, *Oficina de Desobjetos* e *Cursoficina Poética do letramento*, foram inventados no contexto da universidade e aconteceram entre os anos de 2012 e 2017, por diferentes edições, e foram modos de conjugar o verbo OFICINAR. Ambos se valeram da potência da literatura e conferiram valor inestimável ao fio da memória para acionar jogos de linguagem, num convite, jamais um imperativo, aos participantes das oficinas a habitarem a infância da língua, a suspender a gramática clássica, a desarticular a estabilidade dos conceitos estáveis no campo da educação. Ao revisitar essas experiências, percebemos que as oficinas permitiram aos participantes potencializar a própria vida, colocando em movimento o processo de subjetivação e, nesse movimento, reposicionando sua prática docente/profissional. As oficinas parecem transmitir, em ato – ao acionar seu *fazer* –, o desejo de passar adiante um modo de convidar a mudar a função de um verbo, fazendo-o delirar!

Foi nos últimos anos que a *Oficina de Cartas* passou a integrar o NUPPEC como espaço formativo. Teve início em 2017 na Jornada do grupo de pesquisa, depois em 2019, no evento intitulado *Incêndios* e II encontro da rede *Graphias...* e vem, devagarinho, convidando nuppecianos e curiosos ao jogo de linguagem, a doar a sua palavra, e, assim, movimentar o processo de subjetivação. No NUPPEC, numa reunião de

(in)comuns, formamos uma cultura na qual navegamos lado a lado na direção de pensar, escrever e viver juntos, sabendo que OFICINAR é (im)preciso!

Figura 4 – *Oficina de Cartas* no Parque da Redenção em Porto Alegre (2021)



Fonte: arquivo NUPPEC.

Referências

- Andrade, O. (2017). Manifesto da Poesia Pau Brasil. In *Manifesto Antropófago e outros textos* (pp. 19-28). Penguin Classics Companhia das Letras.
- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. Leya.
- Barros, M. (2011). *Poesia completa*. Leya.
- Barthes, R. (2007). *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Cultrix.
- Benjamin, W. (1993). Infância em Berlim por volta de 1900. In *Obras escolhidas II* (pp. 73-42). Brasiliense.
- Frohlich, C. B., Milmann J., & Kierniew, J. G. (2021). Do letramento à escrita inventiva na universidade: potência transformadora da lin-

- guagem. *Currículo sem fronteiras*, 21(2), 475-496. <<http://curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/frohlich-milmann-kierniew.pdf>>
- Calcanhotto, A. (2000). *Público* [álbum, CD, 55 min.]. BMG.
- Carrascoza, J. A. O consumo, o estilo e o precário na poesia de Manoel de Barros. *Bakhtiniana*, 13(1), 5-16, <<https://www.scielo.br/j/bak/a/5sQNchb6RgRGsJ83CsRnbqp/?lang=pt#>>
- Cezar, P. (2010). *Só dez por cento é mentira* [Fime]. Pedro Cezar Produções Artísticas.
- Dunker, C. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. Boitempo.
- Esposito, R. (2000). *Communitas: origine et destin de la communauté*. Presse Universitaire de France.
- Fernandes, R. Z. (2019). O coletivo como floresta e a pedagogia da imanência. *Poiésis*, 20(33), 55-74. <<https://periodicos.uff.br/poiesis/issue/view/1570>>
- Freud, S. (1974). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. VIII (pp. 21-265). Imago.
- Freud, S. (1990). Totem e Tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIII (pp. 11-125). Imago.
- Guerra, A. M. C. (2004). Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In C. M. Costa & A. C. Figueiredo (Orgs.), *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania* (pp. 23-58). Contracapa.
- Lacan, J. (2003). *Seminário 9: A identificação*. Centro de Estudos Freudianos de Recife.
- Latour, B. (2016). *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Editora 34.
- Maria, S. (2016). Os “sem anos” de Manoel de Barros. *Blog da Letrinhas*. <<https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Os-sem-anos-de-Manoel-de-Barros>>
- Nancy, J.-L. (2007). L'être-avec de l'être-là. *Cahiers philosophiques: Heidegger, politique et philosophie*, 111, 66-78.
- Ordine, N. (2016). *A utilidade do inútil: um manifesto*. Zahar.
- Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Rocco.
- Pignatari, D. (1978). *Comunicação poética*. Cortez & Morales.
- Rickes, S. M. & Gleich, P. (2009). Letras em oficina: a afirmação retumbante do “não”. *Psicologia & Sociedade*, 21(n.spe.), 112-122. <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/h9XjYY4NHDQ4JwTv4nrMgGC/?lang=pt>>
- ≥

- Santos, M. M. V. & Gonçalves, M. N. L. (2006). “O verbo ler não suporta o imperativo”: uma breve reflexão sobre a leitura. *proFORMAR*, 16, 1-4. <http://www.proformar.pt/revista/edicao_16/leitura.pdf>
- Silva, E. X. (2021). *Quem conta um conto, acrescenta um ponto: contação de histórias e complementaridade no processo de subjetivação de crianças* (Dissertação de Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS).
- Zambrano, M. (2001) *El hombre y lo divino*. In *Obras Completas* (pp. 59-99). Galaxia Gutemberg.